

## O CANTO DE AQUILES

MADELINE MILLER

# O CANTO DE AQUILES

Tradução de  
ANA FALCÃO BASTOS



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para a minha mãe, Madeline,  
e para Nathaniel*

## CAPÍTULO UM

O meu pai era rei e filho de reis. Era um homem baixo, como quase todos nós, e com uma constituição de touro, todo ele ombros. Casou com a minha mãe quando ela tinha catorze anos, tendo a sacerdotisa garantido que ela era fértil. Foi uma união vantajosa: ela era filha única e a fortuna do seu pai iria parar às mãos do marido.

Até ao dia da boda, ele não descobriu que ela era pobre de espírito. O pai dela fora escrupuloso em mantê-la coberta com um véu até à cerimónia, e o meu pai não o contrariara. Se ela fosse feia, havia sempre as escravas e os servos. Quando por fim lhe tiraram o véu, dizem que a minha mãe sorriu. Foi assim que perceberam que ela era muito estúpida. As noivas não sorriem.

Quando ela deu à luz um rapaz, que era eu, o meu pai arrancou-me dos seus braços e entregou-me a uma ama. Apiedando-se da minha mãe, uma parteira deu-lhe uma almofada para ter ao colo em vez do filho. Ela apertou-a nos braços sem parecer dar-se conta de que houvera uma mudança.

Depressa me tornei um desapontamento: era pequeno e franzino. Não era rápido. Não era forte. Não sabia cantar. O melhor que se podia dizer a meu respeito é que não era enfermigo. As constipações e cólicas que afetavam as outras crianças não me atingiam. Isso só contribuía para deixar o meu pai desconfiado. Seria eu um ser sobrenatural, de origem não humana? Ele ficava de cenho carregado a observar-me. A minha mão tremia ao sentir o seu olhar. E, junto a nós, a minha mãe entornava vinho sobre si própria.

Tenho cinco anos quando é a vez de o meu pai organizar os jogos. Chegam homens de paragens tão distantes como a Tessália e Esparta e os nossos armazéns enriquecem com o seu ouro. Uma centena de servos trabalha durante vinte dias a abrir a pista de corridas e a limpá-la de pedras. O meu pai está decidido a ter os jogos mais extraordinários da sua geração.

O que melhor recorde são os corredores, com os corpos morenos untados de óleo, ao longo da pista batida pelo sol. Vão misturados, maridos largos de ombros e jovens e rapazinhos imberbes, com os músculos das barrigas das pernas bem desenvolvidos.

Tinham acabado de matar o touro, que vertia as últimas gotas de sangue na poeira e em taças de bronze escuras. Morria lentamente, o que era um bom presságio para os jogos que iriam ter lugar.

Os corredores estão reunidos diante do palanque onde o meu pai e eu nos encontramos, rodeados pelos prémios que daremos aos vencedores. Há taças de ouro para vinho, trípodes de bronze martelado, lanças de freixo com pontas de ferro precioso. Mas o verdadeiro prémio encontra-se nas minhas mãos: uma coroa de folhas verdes empoeiradas, cortadas há pouco, e agora lustrosas por as ter esfregado com o polegar. O meu pai entregou-me contrariado. Mas tranquiliza-se: tudo o que tenho de fazer é segurá-la.

Os rapazes mais novos são os primeiros a correr e, a esfregar os pés na areia, aguardam o aceno de cabeça do sacerdote. Estão no primeiro pico de crescimento, com os ossos salientes e aguçados a espetarem a pele retesada. O meu olhar avista uma cabeça loura entre dezenas de cabeleiras escuras, desgrenhadas. Inclino-me para a frente, para ver. Cabelo cor de mel, iluminado pelo sol e, no seu interior, cintilações de ouro — a aura de um príncipe.

Ele é mais baixo do que os outros e, ao contrário deles, ainda guarda vestígios da gordura da infância. Tem o cabelo comprido, atado atrás com uma tira de couro, a brilhar contra a pele morena e nua das costas. Quando se vira, a expressão do seu rosto é tão grave como a de um homem.

Quando o sacerdote dá as pancadas no solo, ele desliza, ultrapassando os corpos mais desenvolvidos dos rapazes mais velhos. Avança com facilidade, com os calcanhares rosados a refulgir como línguas de fogo. É ele o vencedor.

Fixo os olhos no meu pai, que pega na coroa que tenho no colo e lha coloca na cabeça; as folhas parecem quase negras contra o seu cabelo claro. Peleu, o pai dele, vai buscá-lo com um sorriso orgulhoso. O reino de Peleu é mais pequeno do que o nosso, mas consta que a mulher dele é uma deusa e que o povo o ama. O meu pai observa com inveja. A mulher dele é estúpida e o filho demasiado lento para correr mesmo no grupo mais jovem. Ele vira-se para mim.

— É assim que um filho deve ser.

Sem a coroa, sinto as mãos vazias. Fico a ver o rei Peleu abraçar o filho. Vejo o rapaz atirar a coroa ao ar e voltar a apanhá-la. Ri e o seu rosto resplandece com a vitória.

Além disso, retenho pouco mais da minha vida de então do que imagens dispersas: o meu pai no trono, carrancudo, um cavaleiro de brincar que eu adorava, a minha mãe na praia com os olhos voltados para o Egeu. Nesta última recordação, eu estou a fazer saltar pedras para ela ver, plinc, plinc, plinc, sobre a superfície do mar. Ela parece gostar da pequena ondulação que se forma e que se dispersa até a superfície do mar ficar novamente lisa como um espelho. Ou talvez seja do mar que ela gosta. Na ténpora, uma mancha branca em forma de estrela cintila como osso, a cicatriz de quando o pai lhe bateu com o punho de uma espada. Os dedos grandes dos pés espreitam da areia onde os enterrou e eu tenho o cuidado de não lhes tocar enquanto procuro pedras. Escolho uma e lanço-a, contente por ser bom nisso. É a única recordação que tenho da minha mãe e é tão bela que estou quase certo de a ter inventado. Era pouco provável o meu pai ter permitido que o seu filho apatetado e a sua mulher ainda mais apatetada estivessem os dois sozinhos. E onde estamos nós? Não reconheço a praia, a linha de costa que se avista. Mas muito se passou desde então.

## CAPÍTULO DOIS

Eu era chamado à presença do rei. Recordo-me de detestar a longa caminhada pelo interminável salão do trono. Lá à frente, ajoelhava-me na pedra. Alguns reis mandavam colocar tapetes nesse sítio para proteger os joelhos dos mensageiros que tinham longas notícias a dar. O meu pai preferia não o fazer.

— A filha do rei Tíndaro está finalmente pronta para casar — disse ele.

Eu conhecia o nome. Tíndaro era rei de Esparta e possuía vastas extensões das terras mais férteis do Sul, que o meu pai cobiçava. Também ouvira falar da sua filha, que constava ser a mulher mais bela das redondezas. Dizia-se que Leda, a mãe dela, fora raptada por Zeus, o rei dos deuses, disfarçado de cisne. Nove meses mais tarde, ela deu à luz dois pares de gémeos: Clitemnestra e Castor, filhos do seu marido mortal, e Helena e Polideuces, os pequenos cisnes deslumbrantes, filhos do deus. Mas como era sabido que os deuses eram fracos pais, o património de Tíndaro teria de chegar para todos.

Não respondi às palavras do meu pai. Essas coisas não significavam nada para mim.

O meu pai pigarreou, produzindo um som estridente no salão silencioso.

— Seria bom tê-la na nossa família. Vais apresentar-te como pretendente.

Não estava mais ninguém no salão, de modo que só ele ouviu a minha exclamação sobressaltada. Mas eu sabia que era preferível

não falar do meu desassossego. O meu pai já sabia tudo o que eu poderia dizer: que tinha nove anos, que era desengraçado, pouco promissor, desinteressante.

Partimos na manhã seguinte, ajoujados de presentes e comida para a viagem. Escoltavam-nos soldados envergando as suas mais belas armaduras. Não me recordo de grande coisa da viagem — foi por terra, através de campos que nada tinham de especial. À frente da coluna, o meu pai ditava novas ordens a secretários e mensageiros, que partiam a cavalgar em todas as direções. Eu baixava os olhos para as rédeas de couro, alisava-as com o polegar. Não percebia qual o meu lugar ali. Era incompreensível, como muito do que o meu pai fazia. O meu burro balançava, e eu balançava com ele, contente com aquela distração.

Não fomos os primeiros pretendentes a chegar à cidadela de Tíndaro. Os estábulos, onde se afadigavam servos, estavam repletos de cavalos e mulas. O meu pai parecia descontente com a cerimónia preparada em nossa honra: vi-o de sobrolho carregado a esfregar com a mão a pedra da lareira dos nossos aposentos. Eu levava um brinquedo de casa, um cavalo cujas pernas se moviam. Ergui um casco, depois o outro, imaginei que o tinha cavalgado em vez de ir montado num burro. Um soldado teve pena de mim e emprestou-me os dados. Lancei-os no chão até aparecerem seis em todos eles ao mesmo tempo.

Finalmente, chegou um dia em que o meu pai me mandou tomar banho e pentear-me. Fez-me mudar de túnica, duas vezes seguidas. Obedeci, embora não visse diferença entre púrpura com fio de ouro e carmesim com fio de ouro. Nenhuma delas escondia os meus joelhos salientes. O meu pai tinha uma aparência imponente e severa, com a barba negra a cobrir-lhe o rosto. O presente que íamos oferecer a Tíndaro estava preparado, uma taça de ouro martelado com a história da princesa Dánae gravada em relevo. Zeus havia-a cortejado envolto numa chuva de luz dourada, e da união de ambos nascera Perseu, que matou a Medusa, sendo apenas superado por Hércules entre os nossos heróis. O meu pai estendeu-ma, dizendo:

— Não nos envergonhes.

Ouvi o grande átrio antes de o ver, o som de centenas de vozes a ressoar nas paredes de pedra, o tilintar de taças e armaduras.

Os criados tinham aberto as janelas para tentar amortecer o som; tinham pendurado tapeçarias, verdadeiras preciosidades, em todas as paredes. Até então, eu nunca vira tantos homens reunidos num interior. Homens não, disse para comigo, corrigindo-me. Reis.

Deram-nos ordem para avançar e para nos reunirmos, sentados em bancos cobertos de couro. Os servos desapareceram lá atrás, no meio das sombras. Os dedos do meu pai enterraram-se na minha gola a avisar-me que estivesse sossegado.

Havia violência naquela sala, com tantos príncipes, heróis e reis a competirem por um único prémio, mas nós sabíamos como macaquear os modos civilizados. Um a um, os jovens apresentaram-se, exibindo cabelos brilhantes, cinturas bem vincadas e roupa dispendiosa e colorida. Muitos eram filhos ou netos de deuses. Todos tinham uma, duas ou mais canções a proclamar os seus feitos. Tíndaro cumprimentou-os um por um e aceitou as suas oferendas que iam sendo colocadas numa pilha no centro da sala. Convidou cada um a falar e a apresentar o seu pedido.

O meu pai era o mais velho entre eles, à exceção do homem que, quando chegou a sua vez, disse chamar-se Filoctetes.

— Um camarada de Hércules — murmurou o homem ao nosso lado, com uma veneração que eu compreendi.

Hércules era o nosso maior herói, e Filoctetes fora o mais chegado dos seus companheiros, o único que ainda vivia. Tinha o cabelo grisalho e os tendões dos seus dedos grossos revelavam a destreza própria de um arqueiro. E, na verdade, instantes mais tarde, ele ergueu o maior arco que eu já vira, de madeira de teixo bem polida, com um punho de pele de leão.

— O arco de Hércules — anunciou Filoctetes — que me foi oferecido quando ele morreu.

Nas nossas mãos, um arco era alvo de zombaria por ser considerado a arma dos cobardes. Mas ninguém podia dizer tal coisa acerca daquele, pois nenhum de nós tinha a força necessária para o puxar.

O homem seguinte, com os olhos pintados como os de uma mulher, proferiu o seu nome:

— Idomeneu, rei de Creta.

Era esguio, e o cabelo comprido chegava-lhe à cintura quando estava de pé. A sua oferenda foi um machado de dois gumes de ferro raro.

— O símbolo do meu povo. — Os seus movimentos fizeram-me recordar os dançarinos de que a minha mãe gostava.

E depois Menelau, filho de Atreu, sentado ao lado do seu irmão Agamémnon, descomunal como um urso. O cabelo de Menelau era de um ruivo surpreendente, da cor de bronze forjado. O seu corpo era vigoroso, musculado, enérgico. A sua oferenda, um magnífico tecido tingido, era preciosa.

— Embora a dama não necessite de adornos — acrescentou ele a sorrir.

Foram umas belas palavras. Pensei que gostaria de ter qualquer coisa igualmente inteligente para dizer. Eu era o único pretendente com menos de vinte anos e não descendia de um deus. Talvez o filho de Peleu, com os seus cabelos louros, estivesse na mesma situação que eu, pensei. Mas o pai deixara-o em casa.

Os homens sucederam-se, até os seus nomes começaram a confundir-se na minha cabeça. A minha atenção desviou-se para o palanque, onde, pela primeira vez, reparei nas três mulheres de véu, sentadas ao lado de Tíndaro. Fitei o véu branco que lhes cobria o rosto, como se pudesse ter um vislumbre da mulher por trás dele. O meu pai queria uma delas para minha esposa. Três pares de mãos ricamente adornadas de braceletes, repousavam nos seus colos. Uma delas era mais alta do que as outras. Pareceu-me ver um caracol de cabelo negro, solto, a espreitar por baixo da ponta do véu. Helena tem o cabelo claro, recordei. Por isso aquela não era Helena. Tinha deixado de ouvir os reis.

— Sê bem-vindo, Menécio. — Ouvir o nome do meu pai sobressaltou-me. Tíndaro olhava para nós. — Lamento a morte da tua mulher.

— A minha mulher está viva, Tíndaro. É o meu filho que vem aqui hoje para desposar a tua filha.

Seguiu-se um silêncio, durante o qual ajoelhei, estonteado pelos rostos a girar em meu redor.

— O teu filho ainda não é um homem.

A voz de Tíndaro parecia distante e não consegui detetar nada nela.

— Não precisa de o ser. Eu sou homem suficiente pelos dois. — Aquele era o género de gracejo ousado e fanfarrão que as pessoas adoravam. Mas ninguém riu.

— Estou a ver — disse Tíndaro.

Embora o chão de pedra se enterrasse na minha pele, não me mexi. Estava habituado a ficar de joelhos. Até então, nunca me agradara praticar essa postura na sala de trono do meu pai.

Este falou de novo, quebrando o silêncio:

— Outros trouxeram bronze e vinho, azeite e lã. Eu trago ouro, e é apenas uma pequena parte das minhas reservas.

Apercebi-me das minhas mãos pousadas na belíssima taça, a tocarem as figuras da história: Zeus a surgir de uma torrente de raios de sol, a princesa sobressaltada, a sua união.

— A minha filha e eu sentimo-nos gratos por nos trazeres um presente tão valioso, embora insignificante para ti.

Ouviu-se um murmúrio emitido pelos reis. Aquelas palavras encerravam qualquer coisa de humilhante, que o meu pai não pareceu compreender, mas que me fez corar.

— Uma vez que, como bem sabes, a minha mulher não está em condições de governar, faria de Helena a rainha do meu palácio. A minha riqueza ultrapassa a de todos esses jovens e os meus feitos falam por si.

— Pensei que o pretendente era o teu filho.

Ergui os olhos ao ouvir essa nova voz. Pertencia a um homem que ainda não tinha falado. Era o último da fila e estava sentado à vontade no banco, com o cabelo encaracolado a brilhar à luz do fogo. Tinha uma cicatriz numa das pernas, uma costura que lhe percorria a carne de um moreno escuro desde o tornozelo até ao joelho, contornando os músculos da barriga da perna e desaparecendo na sombra por baixo da túnica. Parecia ter sido feita por uma faca, ou por qualquer instrumento semelhante, que tivesse rasgado a carne num movimento ascendente e deixado na sua esteira bordos suaves, que desmentiam a violência que os devia ter causado.

— Filho de Laertes, não me recordo de te ter convidado a falar — disse o meu pai irritado.

O homem sorriu.

— Não fui convidado. Interrompi. Mas não precisas de reear a minha interferência. Não sou parte interessada nesta questão. Falo apenas como observador.

Um ligeiro movimento proveniente do palanque atraiu a minha atenção. Uma das figuras coberta com um véu tinha-se movido.

— O que quer ele dizer? — perguntou o meu pai de má catadura. — Se não veio aqui por causa de Helena, que está aqui a fazer? Volte para os seus pedregulhos e para as suas cabras.

O homem ergueu as sobranceiras, embora sem proferir palavra.

— Se o teu filho é um pretendente, como afirmas, então deixa-o apresentar-se — disse Týndaro conciliador.

Até eu percebi que era a minha vez de falar.

— Sou Pátroclo, filho de Menécio. — A minha voz saiu aguda e áspera devido à falta de uso. — Estou aqui como pretendente de Helena. O meu pai é rei e filho de reis.

Não tinha mais nada para dizer. O meu pai não me dera instruções e não estava à espera de que Týndaro me fosse pedir que falasse. Pus-me de pé, transportei a taça até à pilha de oferendas e coloquei-a onde não tombasse. Dei meia-volta e regresssei ao meu banco. Não fizera má figura a tremer ou a tropeçar, e as minhas palavras não tinham sido tolas. Mesmo assim, sentia o rosto a arder de vergonha. Sabia como devia parecer aos olhos daqueles homens.

Alheada, a fila de pretendentes continuava a avançar. O homem que agora se ajoelhava era enorme, tinha uma vez e meia a altura do meu pai e, além disso, era avantajado. Atrás dele, dois servos seguravam um enorme escudo, que parecia fazer parte da sua indumentária, cobrindo-o dos calcanhares até ao alto da cabeça. E não era decorativo: os bordos rugosos e lascados testemunhavam as batalhas a que havia assistido. Ájax, filho de Télamon, assim disse esse gigante chamar-se. O seu discurso foi breve e incisivo, reclamando ser descendente de Zeus e apresentando a sua corpulência como prova de que continuava a gozar dos favores do seu antepassado. A sua oferenda foi uma lança de madeira flexível, magnificamente talhada. A ponta de metal forjado reluzia à luz das tochas.

Por fim, chegado a vez do homem com a cicatriz.

— Então, filho de Laertes? — interpelou-o Tíndaro voltando-se para ele. — O que tem um observador desinteressado a dizer desta maneira de atuar?

O homem inclinou-se para trás.

— Gostaria de saber como vais impedir estes desgraçados de te declararem guerra. Ou ao felizardo do novo marido de Helena. Estou aqui a ver meia dúzia de homens prontos a atirarem-se uns aos outros.

— Pareces divertido.

— A tolice dos homens diverte-me — respondeu o outro com um encolher de ombros.

— O filho de Laertes está a zombar de nós! — exclamou Ájax, o homem corpulento, com o punho cerrado tão grande como a minha cabeça.

— Nunca, filho de Télamon.

— Então qual é a tua ideia, Ulisses? Diz o que pensas, por uma vez.

A voz de Tíndaro pareceu-me aguda.

Mais uma vez, Ulisses encolheu os ombros.

— Este foi um jogo perigoso, apesar dos tesouros e do prestígio que conquistaste. Cada um destes homens é valoroso e sabe-o. Não vão aceitar uma rejeição de bom grado.

— Já me disseste tudo isso em privado.

O meu pai ficou rígido ao meu lado. *Uma conspiração*. O seu rosto não era o único a ter uma expressão encolerizada.

— É verdade. Mas agora ofereço-te uma solução. — Ergueu as mãos vazias. — Não trouxe nenhum presente e não pretendo a mão de Helena. Como houve quem dissesse, sou rei de pedregulhos e de cabras. Como recompensa pela solução que vou apresentar, desejo que me dês o prémio de que já te falei.

— Dá-me a tua solução e tê-lo-ás.

Mais uma vez, houve aquele ligeiro movimento no palanque. A mão de uma das mulheres agitara-se contra o vestido da companheira.

— Então aqui vai. Creio que devíamos deixar Helena decidir. — Ulisses fez uma pausa para permitir que os murmúrios de incredulidade esmorecessem; as mulheres não eram ouvidas nem achadas em

assuntos semelhantes. — Nesse caso, ninguém te poderá censurar. Mas ela tem de decidir agora, neste preciso momento, de modo que ninguém possa dizer que se aconselhou contigo ou que lhe deste instruções. E, erguendo um dedo, acrescentou: — E antes de ela decidir, todos os homens aqui presentes têm de fazer um juramento: apoiar a escolha de Helena e defender o seu marido contra todos que quiserem tirar-lha.

Senti a agitação na sala. *Um juramento?* E em relação a um assunto tão pouco convencional como uma mulher escolher o marido. Os homens pareciam desconfiados.

— Muito bem. — Tíndaro, com uma expressão indecifrável, voltou-se para as mulheres cobertas com um véu. — Aceitas esta proposta, Helena?

A voz dela, grave e encantadora, alcançou todos os cantos do átrio:

— Aceito.

Foi tudo o que ela disse, mas senti um arrepio percorrer os homens que me rodeavam. Embora ainda fosse uma criança, senti-o, e maravilhei-me com o poder dessa mulher que, embora coberta com um véu, era capaz de eletrizar uma sala. Lembrei-me de súbito que constava que a pele dela era dourada, os olhos escuros e brilhantes como a obsidiana escorregadia pela qual trocávamos as nossas azeitonas. Nesse momento, ela era digna de todas as oferendas que se encontravam no centro do salão e de mais algumas. Ela era digna das nossas vidas.

Tíndaro fez um aceno de cabeça.

— Então decreto que assim seja. Todos aqueles que desejarem fazer o juramento, fá-lo-ão, neste momento.

Ouvi resmungos, algumas vozes encolerizadas. Mas nenhum homem arredou pé. A voz de Helena, com o véu a adejar suavemente com a sua respiração, mantinha-nos cativos.

Um sacerdote convocado à pressa levou uma cabra branca até ao altar. Ali, no interior, era uma escolha mais propícia do que um touro, de cuja garganta podia esguichar sangue que sujasse o chão de pedra. O animal morreu com facilidade, e o homem misturou o seu sangue escuro com as cinzas de madeira de cipreste que retirou da fogueira. No silêncio da sala, ouviu-se um sibilar no interior da taça.

— Serás o primeiro — disse Tíndaro apontando para Ulisses. Até um rapazinho de nove anos percebia como aquilo era conveniente. Ulisses já tinha dado prova da sua esperteza. As nossas alianças esfarrapadas só prevaleciam quando não se permitia que um homem fosse muito mais poderoso do que outro. Por toda a sala, vi sorrisos desdenhosos e satisfação por parte dos reis; não lhe permitiriam escapar à armadilha que fora ele próprio a criar.

A boca de Ulisses moveu-se num meio sorriso.

— Claro. Com todo o prazer.

Mas desconfiei que não era assim. Durante o sacrifício estivera a vê-lo recuar para as sombras, como se desejasse que não dessem por ele. Mas nesta altura levantou-se e avançou para o altar.

— Helena — Ulisses fez uma pausa, com o braço estendido para o sacerdote —, lembra-te de que eu só fiz o juramento por camaradagem e não como pretendente. Nunca te perdoarias a ti própria se me escolhesses. — As suas palavras eram sarcásticas e provocaram risos aqui e ali. Todos nós sabíamos que não era provável que alguém tão formoso como Helena fosse escolher o rei da estéril Ítaca.

Um por um, o sacerdote chamou-nos até junto da fogueira, marcando os nossos pulsos com sangue e cinza, que prendiam tanto como correntes. Entoei as palavras do juramento com o braço erguido para todos verem.

Depois de o último homem regressar ao lugar, Tíndaro ergueu-se.

— Escolhe agora, minha filha.

— Menelau. — Ela proferiu o nome sem hesitação, surpreendendo-nos a todos. Estávamos à espera de expectativa, de indecisão. Voltei-me para o homem ruivo, que estava de pé, com um sorriso rasgado no rosto. Rejubilante, deu uma palmada nas costas do irmão que se mantinha em silêncio. Entre os restantes, reinava a cólera, o desapontamento, até a tristeza. Mas nenhum homem desembainhou a espada; o sangue já tinha secado nos nossos pulsos.

— Assim seja. — Tíndaro também se pôs de pé. — É com alegria que acolho na família um segundo filho de Atreu. Terás a minha Helena, tal como o teu valoroso irmão em tempos reclamou a minha filha Clitemnestra. — Esboçou um gesto em direção à mulher mais

alta, como que a indicar-lhe que podia levantar-se. Mas ela não se mexeu. Talvez não tivesse ouvido.

— E a terceira rapariga? — Aquele grito provinha de um homem de fraca figura, que se encontrava ao lado do gigante Ájax. — A tua sobrinha. Posso ficar com ela?

Os homens riram, felizes por a tensão ter abrandado. A voz de Ulisses sobrepôs-se ao ruído:

— Chegas atrasado, Teucro. Ela já me foi prometida.

Não tive oportunidade de ouvir mais. A mão do meu pai agarrou-me pelo ombro, arrastando-me do banco com irritação.

— Já não temos mais nada a fazer aqui.

Partimos para casa nessa mesma noite, e eu trepei para o dorso do meu burro, dominado pelo desapontamento. Nem sequer conseguira vislumbrar o famoso rosto de Helena.

O meu pai nunca mais iria mencionar essa viagem e, uma vez chegados a casa, os acontecimentos enredaram-se estranhamente na minha memória. O sangue e o juramento, a sala cheia de reis: estes pareciam pálidos e distantes, como qualquer coisa narrada por um bardo e não algo que eu tivesse vivido. Ajoelhara-me de facto diante deles? E o juramento que eu havia feito? Parecia-me absurdo pensar nisso, louco e improvável como um sonho à hora do jantar.